

3

Onde foi realizada a pesquisa

3.1

A Fundação São Martinho

Porque se chamavam homens
Também se chamavam sonhos
E sonhos não envelhecem...
(Milton Nascimento)

Em 2009, fiz o meu primeiro contato com o superintendente da Fundação São Martinho. Conversamos por e-mail e ele me colocou em contato com a coordenadora do Centro de Formação. Combinamos um primeiro encontro para que eu conhecesse o trabalho realizado na instituição e também apresentasse o projeto de pesquisa.

Nesse primeiro encontro, fui recebida pela Coordenadora da Formação, pude conhecer o trabalho realizado pela Fundação e apresentar a proposta de pesquisa, que foi bem recebida. A coordenadora falou sobre os meninos e meninas atendidos pela Fundação São Martinho, meninos e meninas em situação de rua e que também moravam nas comunidades no entorno da instituição. Confesso ter saído deste encontro perplexa e instigada, pois percebi que a questão dos meninos e meninas em situação de rua é bem mais complexa do que imaginava. Ao final, a coordenadora entregou-me diversos folhetos com explicações sobre o trabalho realizado e uma revista com artigos sobre o tema “para eu ir me inteirando” - disse ela.

Em tais folhetos encontrei frases e expressões que emolduram idéias que parecem fazer parte da filosofia da instituição: *Ação; Fazer para acontecer; Realizar. Todo dia; Tem certas coisas que só funcionam por inteiro. Educar é uma delas; Quanto mais a gente realiza, mais a gente continua a sonhar.* Muito mais do que slogans, são frases que expressam a consciência do seu papel e a vontade de escrever junto com crianças e jovens uma história diferente.

Situada na Lapa, bairro do Rio de Janeiro, a Fundação São Martinho é uma organização não governamental, sem fins lucrativos e de caráter filantrópico que há 25 anos se dedica a trabalhar em favor de crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, visando o resgate da dignidade e a reversão da situação de violação de direitos em que se encontram. Ligada à província Carmelitana de

Santo Elias, a associação é mantida através de convênios de cooperação nacional e internacional, empresas e doadores da sociedade civil.

Seus quatro projetos envolvem crianças e jovens de seis a dezoito anos incompletos e desenvolvem-se nas áreas sociopedagógica, de educação, de cultura e profissionalização, além da defesa dos direitos de crianças e adolescentes. Com exceção do projeto *Educagente - Núcleo Comunitário São Martinho*, os outros três projetos situam-se na sede da Fundação São Martinho, na Lapa. A Superintendência, o Centro de Formação, o setor de Assistência Social, Direito e Recursos Humanos (Departamento Pessoal) também ficam nesse espaço.

Mundo do Trabalho é um projeto multidisciplinar e integrado que desenvolve ações com o jovem, a família e a empresa. Visando a capacitação técnica e profissional, o jovem após receber a formação adequada, é encaminhado a uma das organizações conveniadas a Fundação São Martinho, onde poderá trabalhar na condição de Jovem Aprendiz até completar 18 anos.

Por sua vez, o *Educagente-Núcleo Comunitário São Martinho* é destinado a crianças e jovens de sete a dezesseis anos, do entorno de Vicente de Carvalho. Esse projeto coloca em prática a educação integral e busca ampliar o potencial desse público que divide o seu tempo entre a escola e o *Educagente*. O *Centro de Defesa Dom Luciano Mendes de Almeida* presta assistência jurídica a crianças e adolescentes e participa de fóruns para a discussão de políticas públicas e promoção da garantia dos direitos estabelecidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

A pesquisa desta dissertação foi desenvolvida no âmbito do Projeto *Ao encontro dos Meninos e Meninas em situação de rua* que visa atender as crianças e adolescentes em situação de rua e será apresentado em detalhes a seguir.

3.2

O Projeto *Ao encontro dos meninos e meninas em situação de rua*

O Projeto *Ao Encontro* passou por algumas mudanças desde a sua implantação em 2004, como indica o seu folheto de divulgação. No seu antigo formato, o projeto viabilizava apenas quinzenalmente o acesso de meninos e meninas em situação de rua ao espaço do Centro Sócioeducativo. Desta forma, o vínculo desse público com a instituição era muito frágil, pois as crianças e adolescentes acabavam perdendo a referência do espaço.

Atualmente, o projeto já se enquadra em uma nova proposta, abrindo suas portas diariamente para a entrada dessas crianças e adolescentes que vivem nas ruas e também para outras da comunidade do entorno do Projeto, dos bairros do Centro e de Santa Tereza. O projeto conta com um coordenador, uma assistente social, seis educadores sociais (quatro homens e duas mulheres) e uma voluntária, que coordena a oficina de hip-hop, que ocorre uma vez por semana.

Chamarei aqui a atenção para o nome: *Ao encontro de meninos e meninas em situação de rua*. Esse nome aponta para dois aspectos importantes do projeto: o movimento que a instituição faz em direção a esses meninos e a idéia circunstancial que nos traz a expressão “em situação” de rua. Também é interessante pontuar que essas crianças e adolescentes são chamados de meninos e meninas, independentemente da sua idade.

Acreditando na possibilidade de mudança, todos os dias, uma dupla de educadores sociais parte pela manhã para os locais onde esses meninos e meninas costumam ficar tanto na zona sul quanto na zona norte da cidade. Essa ida aos locais, chamada de abordagem, é também onde se inicia o processo de “namoro” com essas crianças. Os educadores levam uma bolsa com biscoito, suco e jogos e, quando chegam ao local, conversam com as crianças procurando se inteirar da sua situação atual e da sua história de vida, fazendo anotações que depois serão registradas em um arquivo da instituição. Eles aproveitam também para convidá-los a participar das atividades do Centro socioeducativo estabelecendo assim, um primeiro contato com aqueles que ainda não conhecem o trabalho e resgatando outras crianças e adolescentes já conhecidas.

Concomitantemente, os outros quatro educadores do projeto que permanecem na instituição recebem as crianças e jovens que chegam espontaneamente ao local. Pela manhã, elas são conduzidas para o banho e, em seguida, é servido um café da manhã (leite/suco e pão com manteiga) numa grande mesa colocada sob uma árvore do pátio, nos dias de sol. Os educadores preocupam-se também em oferecer uma muda de roupa limpa para que eles troquem. Há também aqueles que precisam tratar seus ferimentos ou algum mal-estar e esses são minimamente medicados. Quando a situação é mais grave, são encaminhados para o médico, sempre com a supervisão de um (a) educador (a). Depois, ocorrem as oficinas de letramento, arte-educação, música e atividades livres coordenadas pelos educadores.

O espaço do projeto conta com uma área externa e outra interna. Na externa, ao ar livre, é onde se situa a quadra de futebol, pequena área com churrasqueira, a arquibancada e um cantinho recuado com bancos bem debaixo de uma árvore. Há também um espaço livre onde são realizadas as oficinas de hip hop. Os banheiros, um feminino e outro masculino, utilizados pelas crianças e adolescentes encontram-se aí.

No prédio, o projeto ocupa o piso térreo e aí se encontram cinco salas: a dos educadores, a da coordenação, uma sala da assistente social, uma enfermaria e a sala do letramento. Há uma área recuada onde ficam os armários utilizados pelos meninos e meninas. Jogos como o “Totó” são levados diariamente ao pátio para recreação livre de todos. As oficinas de música, arte-educação e as livres ocorrem nas áreas do pátio, frequentemente, sob a mesma árvore do café da manhã ou na arquibancada, ao lado da quadra de futebol. Os educadores costumam buscar o espaço mais propício para a realização das oficinas. Apenas a oficina de letramento tem uma sala exclusiva, com cadeiras, mesas e estantes com livros literários e didáticos entre outros materiais, como jogos e revistas³. Duas paredes desse espaço têm murais onde são expostas algumas das produções realizadas pelas crianças e adolescentes. Cabe informar que as atividades são planejadas pelos educadores e não têm um caráter muito formal variando de acordo com o interesse e disponibilidade dos meninos e meninas. Semanalmente, a equipe do Projeto se reúne para o planejamento do mês e também para discussão de caso.

Às 11 horas e 30 minutos termina o turno da manhã. As crianças e adolescentes saem da instituição, mas podem retornar às 13 horas para as atividades do turno da tarde. Nesse intervalo, muitos deles acabam procurando outras instituições que oferecem alimentação. Na parte da tarde, as oficinas ocorrem primeiro e o lanche é servido antes deles retornarem às ruas, às 16 horas.

Esse Projeto visa a diminuição de danos, isto é, quanto menos tempo esses meninos e meninas ficarem nas ruas, menos eles fazem uso drogas, um dos mais terríveis problemas, menores as chances de se envolverem em “confusão” e maior a chance de reinseri-los no ambiente familiar. Enquanto estão dentro da instituição, os educadores conversam muito com eles e tentam convencê-los a ir

³ O acervo dos livros literários possui títulos de autores consagrados da literatura infantil e juvenil como Ana Maria Machado, Sonia Junqueira, Silvia Orthof, Monteiro Lobato, Ruth Rocha, Ziraldo, entre outros. Há ainda livros não literários, enciclopédias, dicionários e gibis. Os livros didáticos são utilizados como recurso nas atividades de letramento.

ao Conselho Tutelar que por sua vez os encaminhará para algum dos abrigos e, finalmente, para casa.

Para uma maior aproximação do Projeto *Ao encontro dos meninos e meninas em situação de risco*, destacarei, na próxima seção, alguns “cliques” do seu dia-a-dia experimentados por mim ao longo do período exploratório da pesquisa.

3.2.1

Um ponto de partida: a pesquisa exploratória

Assim que defini qual seria o meu objeto de pesquisa e procurei a Fundação São Martinho para realizá-la, percebi também o quanto era urgente me aproximar deste universo tão próximo e, ao mesmo tempo, tão distante de mim. Como poderia contar histórias para meninos e meninas que vivem nas ruas sem ao menos saber quem são eles?

Senti que o conhecimento que tinha a respeito dessas crianças e adolescentes fazia parte do senso comum e este, frequentemente, cria imagens do outro, classificando e excluindo pessoas que diferem de nós. Não é fácil nos desvencilharmos de nossas certezas absolutas, principalmente quando o que está em pauta é de conhecimento comum. Meninos e meninas de rua todos nós vemos, principalmente nas grandes cidades, de modo que é trivial construir um saber a respeito. Entretanto, a nossa principal questão - *Quem são esses meninos e meninas?* - aponta para as contribuições de Malinowski (1978) e Geertz (1978), pois o desafio de acessar o olhar do outro, estranhar o familiar e compreender o outro em seus próprios termos parece-me uma abordagem necessária ao desenvolvimento do trabalho. Cabe aqui ressaltar a contribuição de Malinowski (1978) quando fala que o pesquisador no campo:

deve analisar com seriedade e moderação todos os fenômenos da vida tribal sem privilegiar aqueles que lhe causam admiração ou estranheza em detrimento dos fatos comuns e rotineiros. Deve, ao mesmo tempo, perscrutar a cultura nativa na totalidade de seus aspectos. (idem, ibidem, p.24).

Ademais, a familiaridade que todos nós temos com a dinâmica da rua é grande, o que nos faz naturalizá-la. Desse modo, minha idéia sobre esses meninos e meninas era de que eles vivem nas ruas porque são abandonados, vítimas de todos, de suas famílias (se é que as tinham) e do Estado: poderiam ser pequenos

delinquentes ou simplesmente meninos e meninas desgarrados sem opção melhor de vida. Além disso, era preciso também conhecer o trabalho da própria Fundação junto a esse público. Para mim, era impossível conceber a idéia de que chegaria à instituição, contaria para as crianças as histórias escolhidas por mim, faria meus registros e pronto - pesquisa feita. Não era tão simples e cartesiano assim.

Percebo agora que antes mesmo de iniciar a pesquisa exploratória, eu já estava imbuída pelas questões apontadas por Malinowski (1978) como essenciais à pesquisa. A pergunta - *Quem são os meninos e meninas que freqüentam a Fundação São Martinho?*- aponta para o outro, para como acessar o olhar desse outro e tentar compreender como ele se vê e o que tem a dizer sobre si mesmo. Ressalto também que a idéia do autor sobre “mergulho na vida nativa” (idem, ibidem, p.31) indicou mais claramente a importância da pesquisa exploratória no sentido de permitir uma maior e mais transparente compreensão do modo de vida daqueles meninos e meninas e de sua maneira de ser em suas relações sociais.

Assim, o período da pesquisa exploratória foi entendido como fundamental e compreendeu os diversos momentos do dia pelos quais os meninos e meninas estão vinculados à Fundação: a abordagem nas ruas, a abordagem nas ocupações, as oficinas de letramento, de arte-educação e de música, as atividades livres realizadas na instituição (como jogos de futebol, sessões de filme, festas comemorativas - Dia das mães, Festa junina, etc.) e as atividades “extras”, isto é, atividades fora da rotina da Fundação, como recepção de visitantes, participação em passeatas e mutirões. Tal como a proposta de Geertz (1978), a pesquisa exploratória procurou me situar enquanto pesquisadora, ou seja, “(...) não estamos procurando, pelo menos eu não estou, tornar-nos nativos ou copiá-los. O que procuramos, no sentido mais amplo do termo, (...) é falar **com** eles” (idem, ibidem, p.19-20 - grifo meu). Durante um mês e meio freqüentei a instituição com esse intuito. Ao todo, foram dezenove dias de pesquisa exploratória antes que começasse a minha pesquisa propriamente dita, com a proposta das rodas de leitura.

Nesses dezenove dias, observei e participei das abordagens, dos preparativos de algumas atividades e das próprias atividades junto aos meninos e meninas da instituição. Ao mesmo tempo, procurei compreender a estrutura e a dinâmica do Projeto *Ao encontro dos meninos e meninas em situação de risco*. Procurei comparecer à instituição nos diferentes turnos: manhã e tarde. As conversas com os educadores sociais, com o coordenador do Projeto, com a assistente social e com as

próprias crianças e adolescentes do Projeto, foram também importantes no entendimento da proposta do trabalho e das expectativas sobre o mesmo.

Esse período foi de extrema importância não apenas por possibilitar a minha aproximação das crianças e adolescentes com as quais eu realizaria as oficinas de leitura como também para compreender a dimensão do que estava em jogo na pesquisa: o impacto das narrativas escolhidas sobre esses sujeitos ou, em outras palavras, como eles compreendem e o que têm a dizer a respeito e a partir de tais narrativas. Pretendo, portanto, fazer um recorte desse período uma vez que, pelo objetivo desse trabalho, não será possível descrever e analisar todo esse percurso integralmente.

3.2.2

Cliques de um dia

3.2.2.1

Uma chegada

As portas da Fundação são abertas às oito horas da manhã e a entrada é permitida até às dez horas. Os meninos e meninas vão chegando em duplas ou em pequenos grupos, normalmente vêm com outros colegas com os quais passaram a noite. A primeira atividade da manhã é o banho. Enquanto alguns tomam banho, outros aproveitam para jogar bola na quadra. A instituição fornece um pedaço de sabão para cada um e eles se dirigem aos banheiros (feminino ou masculino). É interessante notar que alguns dos meninos e meninas que chegam trazem uma mochila ou uma bolsa/sacola com seus pertences, normalmente alguma roupa.

A instituição oferece roupa limpa a todos na medida do possível, pois nem sempre tem a roupa necessária, do tamanho adequado. Tais roupas são frutos de doações e são recebidas e separadas pelos educadores para este fim.

O combinado entre os educadores do Projeto e os meninos e meninas é que só pode tomar café aquele que já estiver de banho tomado. Então, apesar da resistência ao banho por parte de alguns- o que é bastante comum- eles acabam sucumbindo em meio aos resmungos. Aguarda-se que a maior parte do grupo já tenha realizado essa tarefa e então o café é servido pelos educadores. Esse momento me chamou a atenção, pois quase não existe a solicitação ou a

colaboração dos meninos no sentido de arrumar a mesa, preparar o café, servi-lo. Tudo é realizado pelos educadores, a não ser que algum dos meninos se ofereça para ajudar. Antes do café, todos rezam o Pai-Nosso e a Ave-Maria. Nem todos fazem a reza, alguns só balbuciam as palavras, mas não há uma cobrança por parte dos educadores em relação a isso. Assim que terminam de rezar, tomam o café.

Quando não tem leite, eles reclamam. Gostam de tomar leite com Nescau e não suco, principalmente nos dias frios. A reclamação também ocorre quando tem pouca manteiga no pão. Assim que terminam, deixam suas canecas na mesa, levantam-se e imediatamente procuram a bola para jogar futebol. Os meninos não gostam que o jogo seja interrompido para que as oficinas possam ser realizadas. São freqüentes as falas: “não quero fazer nada, quero jogar bola”; “eu não vim aqui pra fazer atividade”.

3.2.2.2 Uma abordagem

Cheguei à Fundação pela manhã. Era o meu primeiro dia. Alguns educadores preparavam o café dos meninos. Outros preparavam o lanche que levariam na abordagem (guaraná natural e biscoito). Fiquei meio sem ter o que fazer, mas tentei participar da conversa.

A abordagem daquele dia seria em São Cristóvão. Acompanhei dois educadores, um homem e uma mulher. Saímos por volta das nove horas e nos dirigimos ao ponto de ônibus da Praça Tiradentes. Fomos conversando ao longo do caminho para nos conhecermos melhor.

Chegando ao nosso destino, dirigimo-nos até debaixo do viaduto, local onde os meninos costumam ficar. Pude observar todo aquele concreto, os buracos no viaduto, a sujeira, as pedras, os meninos encolhidos pelo chão.

Nesse dia, segundo os educadores, o local estava um pouco vazio. O educador apontou para um enorme buraco no viaduto e me disse que ali era o local onde os meninos costumavam ficar, principalmente nas noites frias. Porém, há algum tempo atrás atearam fogo no local e havia meninos dormindo lá. Alguns sofreram queimaduras. Desde esse dia, os meninos já não ficam ali dentro. Encontramos dois meninos e três jovens. Um dos meninos ainda dormia encolhido

e os outros já estavam de pé apesar da cara de sono. Todos bastante sujos, pés descalços e com a aparência cansada. Apesar disso, fomos bem recebidos.

Chamados de “tia” e “tio”, os educadores eram conhecidos por aqueles meninos. Todos sabiam quem eles eram e o que faziam ali. Quando os educadores abriram a sacola do suco, me surpreendi: não houve “avanço”. Mesmo vivendo na rua, esses meninos que, muito provavelmente, estavam com fome pediram com educação, aguardaram a sua vez, mostrando-se cordiais. Era uma atmosfera de muito respeito.

Os educadores conversaram com os meninos e perguntaram onde estavam os outros. Eles responderam que na noite anterior a polícia tinha passado por ali, então alguns mudaram de local e logo pela manhã, os outros meninos partiram para uma instituição que dava café da manhã.

Um dos meninos era conhecido por Cometa⁴. Segundo o educador, ele não anda em grupo, diferentemente da maior parte dos meninos que está sempre junto. “Cometa” tem casa, tem mãe e volta para casa de vez em quando. Ele disse que naquele dia iria voltar conosco para a Fundação. Um outro menino foi chamado pelos educadores para ir à Fundação, mas disse sorrindo que não iria não. Os outros começaram a dizer que ele só queria saber de “abafar tinner” (cheirar o solvente). O tal menino pegou o guaraná e o biscoito, afastou-se do grupo e ficou deitado em um colchão velho e sujo.

Ficamos ali por algum tempo, tentando conversar mais com os meninos, mas eles estavam calados. Tomavam o suco, comiam o biscoito e não se comunicavam muito. Limitaram-se a responder às perguntas feitas pelos educadores, que sempre levam para a abordagem uma prancheta onde anotam dados gerais sobre as crianças que encontram e depois passam para o arquivo da Fundação. Os dados são: nome completo, idade, tempo que se encontra na rua, se tem casa, se tem pais ou familiares próximos, se é usuário de droga.

Na hora de voltar, Cometa sabia qual ônibus precisávamos pegar. Sentou-se primeiro ao lado da educadora, mas depois preferiu ficar sozinho passeando pelos bancos do ônibus. No meio do caminho, mudou de idéia e resolveu descer na Praça XV, pois logo passaria uma van da prefeitura que o conduziria para um

⁴ A fim de manter o anonimato, todos os nomes e apelidos que se referem às crianças, adolescentes e educadores do Projeto são fictícios.

abrigo que servia almoço. Chegamos à Fundação por volta das 11 horas e 30 minutos, sem nenhum menino. Em meu diário de campo anotei:

Isso também me chamou a atenção. Quando pensava nos meninos que vivem nas ruas sempre me veio uma idéia de total desamparo, como se eles próprios estivessem largados, completamente à deriva. Porém, a destreza com que esses meninos se viram nas ruas, o conhecimento que eles têm sobre as ruas da cidade e sobre as instituições que cuidam deles é tamanha que me fez repensar. É claro que a situação deles é de risco, é claro que não deveriam estar nas ruas, deveriam ser cuidados pelas famílias e pelo Estado. Mas as formas com que eles se defendem e como encontram maneiras de (sobre) viver nessas condições, por mais tortas que possam ser, são realmente impressionantes. De certa maneira, eles aprendem a manipular todo um sistema seu favor. (Diário de Campo, terça-feira, 24 mar. 2010 - primeiro dia de pesquisa).

3.2.2.3 Um dia livre

Cheguei à Fundação na parte da tarde.

Ainda do outro lado da rua, avistei uma pequena aglomeração de meninas na porta da Fundação. Elas queriam entrar. Fazia parte do grupo uma menina altíssima (que depois, através dos educadores, soube que era um travesti). Elas tinham na mão garrafinhas de refrigerante e de água que, de longe, pareciam vazias. Mas, continham tinner. Estavam todas exaltadíssimas e o porteiro da Fundação barrou a entrada do grupo justamente por causa do tinner.

Entrei na Fundação e o clima lá dentro estava um pouco agitado, pois duas das meninas que entraram se mostravam na dúvida entre ficar ou seguir com aquele grupo da porta. Elas pediam aos educadores que deixassem o grupo entrar e eles explicavam que a regra era clara: não é permitida a entrada de nenhuma droga na instituição - para entrar elas deveriam jogar o tinner fora.

Sexta-feira é um dia de atividades livres. Não havia nenhuma oficina organizada e crianças e adolescentes brincavam e conversavam livremente. Os educadores circulavam entre eles. Reencontrei o Cometa, que a princípio não se lembrou de mim na abordagem da semana passada. Conheci Álvaro, um menino da comunidade que logo estabeleceu uma conversa comigo. Quis saber o meu nome, contar-me sobre os estudos na escola, mostrar-me o seu caderno. Leu muitas coisas para mim, pediu-me explicações, principalmente sobre os conteúdos de inglês. Ele lia com pouca fluência e pouca reflexão. O conteúdo do caderno me pareceu bastante informativo e pouco reflexivo.

Em determinado momento, iniciou-se uma pequena confusão com uma das meninas. O educador encontrou o tinner dela escondido e jogou fora o conteúdo. Isso foi o suficiente para que se desse início a uma série de xingamentos por parte dela. Outras confusões se davam por causa da tentativa de entrada fora do horário de outros meninos (que decidiram ficar lá fora cheirando tinner) - entradas barradas pelos educadores.

Os educadores colocaram no DVD o filme *Homem de Ferro*. Demorou muito até que os meninos conseguissem o mínimo de concentração para assistir ao filme. Eles entravam e saíam da sala. Poucos conseguiram se concentrar e ficar. O conteúdo do filme é forte: muitas cenas de ação, explosões, quedas, violência. Um dos meninos achou importante alertar os demais sobre a personalidade de um dos personagens, que segundo ele, finge ser “do bem”, mas na verdade é “do mal”. Uns viam o filme, outros jogavam totó ou conversavam na arquibancada. Álvaro tirou algumas dúvidas do seu dever com a educadora.

No final da tarde, por volta das 16 horas, os educadores serviram o lanche (suco e biscoito). Antes de lancharem, fizeram com os meninos uma oração (Pai-Nosso). Ao final da mesma, os educadores se despediram de todos recomendando para o fim de semana: “pensar duas vezes antes de fazer qualquer coisa”. No diário de campo foi feita a seguinte anotação:

Achei o dia meio tumultuado. Fiquei um pouco apreensiva com aquela situação do começo da tarde por conta das meninas estarem drogadas. Ainda fui abordada por um passante que comentou “agora você vê, elas cheiram isso na porta da instituição.”- o tom era de desaprovação, como se a instituição devesse fazer algo a respeito. Me perguntei: como o faria? Será que combinar as regras e fazê-los cumprir não é o bastante? A sensação que tive é de que se espera que as instituições dêem conta de uma questão que é muito complexa e que envolve a todos. E que se dê um jeito nesses meninos. Eles provocam um incômodo muito grande. (Diário de Campo, sexta-feira, 26 mar. 2010 - segundo dia de pesquisa)

3.2.2.4 Uma atividade extra

Cheguei pela manhã para a abordagem e soube que haveria uma passeata. A Fundação estava com aproximadamente 30 meninos e meninas. daquelas, apenas 10 iriam para a passeata. O alvoroço era grande. Pelo o que me foi explicado, essa passeata foi combinada na sexta-feira e envolvia várias instituições que trabalham com crianças e adolescentes em situação de risco. A intenção era chamar a atenção

da sociedade para os meninos em situação de rua. O coordenador considerou interessante que eu fosse junto com outros dois educadores e me fez o convite.

Dez crianças e adolescentes foram escolhidos. Os outros ficaram na Fundação, alguns muito contrariados, pois queriam “passear”. Os que foram conosco estavam animados. Um dos meninos puxou conversa comigo que começou assim: “o tio, ela (eu) ‘fecha’⁵ com a São Martinho?” Depois da resposta afirmativa do educador, quis saber o meu nome e eu devolvi a pergunta, mas ele respondeu: “Não posso falar. O meu nome é sagrado”. Depois de um par ou ímpar o qual eu perdi, tive que dizer o meu nome primeiro e, finalmente, ele disse que se chamava Evandro. Não conversamos mais.

Chegamos à Praça da Avenida Princesa Isabel. Os meninos colocaram a blusa da Fundação. Estava vazio - havia apenas uma outra instituição. Os educadores de lá se mostravam entusiasmados. Havia também um veículo da Guarda Municipal, que daria um suporte à passeata. Ficamos todos aguardando a chegada de dois outros ônibus da mesma instituição. Esperamos por quase uma hora e meia. Enquanto isso, os mais velhos foram e voltaram do banho de mar. Três meninas ficaram conversando. Uma delas muito falante e sorridente, chamada Angélica. Contou-me que os pais eram separados, que ela não gostava do padrasto, que sua mãe não concordava com o seu jeito: “ela acha que tudo o que eu faço está errado”. Foi por isso que decidiu sair de casa. Falou também que estava na oitava série e que queria terminar os estudos. Leu com fluência o seu horóscopo no jornal e ficou feliz. Disse-me que o que queria mesmo era ficar morando na rua com o apoio de sua mãe e justificava isso com a afirmação de que os seus amigos eram tudo para ela. Perguntei se ela tinha amigos sem serem os da rua e ela confirmou. Quando a menina viu as cruzes de madeira que seriam usadas na passeata, achou “muita palhaçada” e disse: “não vou carregar isso não, tia”.

Evandro resolveu dar uma volta e quando retornou estava com um salgado e uma bebida na mão. Brincou um pouco e decidiu ir embora, apesar da insistência dos educadores para que ficasse. Junto com ele foi também outro menino, o Dan, ambos de 11 anos.

⁵ ‘Fechar’, na gíria atual, quer dizer fazer parte.

Conheci e conversei com outra menina, chamada Rafaela, de 17 anos, que disse ter uma filha. Ela também já tinha estado presa em Padre Severino⁶ por estar junto do namorado/marido quando este foi pego roubando. A filha é educada pela sua mãe, que a impede de ver a criança. Sua expressão é de profunda tristeza, não sorriu em nenhum momento. Perguntei a ela o que achava da passeata. Ela fez uma cara de desaprovação e disse: “isso não adianta nada porque o prefeito não faz nada”. Depois, leu uma das frases dos cartazes que dizia: “Eu sou capaz de amar” e, em seguida, completou: “gostei dessa”.

Conheci Oto, um menino de 11 anos, jeito pacato e que é da comunidade dos arredores da Fundação. Conversamos um pouco, ele me contou que estava na escola, na quarta série e que a matéria que mais gostava era Ciências. Todos estavam impacientes com aquela espera e a fome apertava. Ouvia-se o tempo todo: “Ai, tia, eu estou com fome”, ou até, “se eu não tivesse aqui já teria arrumado o que comer”.

Finalmente, o padre da outra instituição chegou e a passeata saiu. As cruzes foram distribuídas e o grito era: “criança não é de rua, queremos sair da rua”. A passeata estava esvaziada e acabou se resumindo a uma caminhada até o Posto quatro, pelo calçadão. O padre parou em frente ao quiosque da Rede Bandeirantes de Televisão e ao quiosque de turismo do Rio de Janeiro.

No meio da passeata, Angélica já estava carregando uma das cruzes maiores. Comentei com ela: “para quem não queria carregar cruz, essa aí é bem grandinha”. E ela respondeu sorrindo: “a minha cruz é muito maior do que essa”. Fiquei sem palavras. Entramos para a praia, fizemos um círculo e colocaram-se as cruzes na areia. As maiores ficaram no centro da roda e alguns meninos foram “crucificados” em analogia ao que, segundo o padre, o governo e a sociedade fazem com eles. O tom era de protesto e ao mesmo tempo colocava os meninos na situação de vítima de uma sociedade insensível. Parecia que a única saída para esses meninos era a criminalidade já que ninguém faz nada por eles. Rezou-se o Pai-Nosso e a Ave-Maria. Foi servido o lanche no calçadão e nós, fomos embora. Viemos com 10 meninos e voltamos com cinco.

No caminho de volta, Rafaela, conta para Angélica que está grávida. A sua preocupação é com o parto já que no passado teve um eclampsia. Ela pediu que a amiga cuidasse de seu filho, caso ela morresse. Angélica perguntou ao educador

⁶ Instituto Padre Severino é um centro público de reclusão para menores infratores localizado na [Ilha do Governador](#), no [Rio de Janeiro](#).

se o juiz deixaria e ele disse que sim, caso ele percebesse que ela teria condições para cuidar da criança. Durante o papo, outra menina disse que tinha três filhos (gêmeos e uma menina). Essa tem apenas 16 anos.

As meninas chegaram à Fundação, tomaram banho e saíram, pois era hora do almoço. Disseram que iriam voltar para Copacabana para tomar banho de mar. Do grupo, apenas João ficou. No Diário de Campo, anotei:

Os educadores da São Martinho não pareceram concordar com tudo o que foi dito pelo padre. Falei sobre a minha impressão: o discurso do padre vitimiza os meninos. Suas vidas são difíceis e sofridas sem nenhuma sombra de dúvida, mas será que o que eles precisam é ficar no lugar de vítimas da sociedade e tendo seus atos ilícitos justificados pela sua condição? Será que não era hora de colocar a responsabilidade pelas suas vidas também nas suas próprias mãos? Comparando os educadores da São Martinho com os outros, percebo que os primeiros procuram tratar os meninos com naturalidade, sem um discurso pedagogizante ou paternalista. Os educadores procuram conversar muito com os meninos e acreditam nos progressos pelo poder do convencimento. São MUITAS questões.

Confesso não ter me sentido nem um pouco à vontade com aquela cruz na mão. Além disso, achei a passeata sem propósito para os próprios meninos e meninas. Algumas questões surgiram: O que foi dito aos meninos sobre a passeata? Será que eles achavam aquele tipo de manifestação importante na vida deles e para vida deles? Será que aquela manifestação falava realmente deles, sobre eles? Ali, mais se ouviam as vozes dos adultos do que as vozes dos meninos, os que seriam supostamente os maiores interessados.

Achei curioso os meninos e meninas fazerem tanta questão de participar de uma passeata chamando-a de passeio, como se eles precisassem das instituições ou da passeata para andar pela cidade. Era como se eles quisessem fazer parte de um grupo, estar inseridos e se sentirem importantes... Não sei.

Algo que eu notei nas conversas e atitudes dos meninos e meninas é que mesmo estando nas ruas e tendo sofrido muito para a sua pouca idade, eles continuam sendo crianças e adolescentes. Querem e desejam coisas respectivas a sua idade: querem brincar, namorar, ficar bonitos, conhecer outras pessoas, rever amigos. No caso dos adolescentes, a liberdade e os amigos têm um peso grande em suas vidas. No caso das crianças, querem atenção e o carinho dos adultos. (Diário de Campo, segunda-feira, 29 mar. 2010 – terceiro dia de pesquisa).

3.2.2.5

Uma ida às ocupações

Cheguei pela manhã. Havia um grupo de fora filmando os meninos ao mesmo tempo em que a atividade de música estava acontecendo. O grupo formado era de dez meninos.

A educadora me chamou para entregar os convites do evento do Dia das Mães na ocupação conhecida como Casarão. O Casarão fica na mesma rua da Fundação São Martinho. Não subimos. O cheiro de urina e de sujeira eram

sentidos da calçada. Esse Casarão era um prédio do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) que foi ocupado pelas pessoas em situação de risco social. Há mais ou menos três bocas de fumo funcionando ali. Segundo os educadores, o local é insalubre, escuro e imundo - o que percebi sem precisar entrar.

Encontramos na porta a mãe de um dos meninos que freqüentam o projeto. Ela nos recebeu muito bem e disse que irá amanhã ao lanche. Quando já estávamos saindo, a educadora foi abordada por uma menina conhecida. Ao reparar que a menina estava chorando, perguntou por quê. Ela respondeu que sua avó tinha lhe batido. Quando questionada sobre a sua mãe, a menina contou com naturalidade que esta tinha ido embora, que o pai mora em São Paulo com o seu irmão bebezinho e ela ficou com a avó. Voltamos.

Acabei ficando para atividade da tarde, pois iríamos até a outra ocupação na rua Taylor, atrás da Fundação. Trata-se de um casarão antigo, muito bonito, que reformado e restaurado seria um deslumbre. Lá moram aproximadamente 12 famílias. A educadora foi recebida por um menino grande que gritou para ela: “Mããããããããe!!!”. Ela cumprimentou a todos e me apresentou.

A parte interna dessa casa é muito ventilada, iluminada, os quartos dão vista para uma espécie de quintal arborizado. As escadas de madeira oferecem risco para os passantes, pois estão muito velhas, mas as crianças sobem e descem por ela correndo. Uma casa que provavelmente foi morada de uma família abastada é agora a morada de 12 famílias que não têm absolutamente nada. Uma das mães recebeu a gente no seu espaço. O lugar estava arrumado e equipado: tinha fogão, geladeira, dois colchões, os sapatos e brinquedos estavam guardados em caixotes de madeira (de fruta), as roupas penduradas em cabides e os cabides pela parede. Do seu modo, tudo parecia bem organizado e a mãe parecia tranqüila e feliz. Disse que gostou da visita. Essa era uma mãe que já havia estado na Fundação em uma outra vez e se mostrou completamente alterada, gritando com os filhos. Hoje estava amorosa e serena. Essa mesma família já morou no Casarão e agora está mais feliz com a nova casa - que considera um avanço.

Havia muitas crianças na casa. Um grupinho de cada família. Havia também uma adolescente grávida. As crianças se reuniram no quintal para conversar e brincar. Logo se aproximou um bebê peladinho, indo atrás do irmão maior. Pensei no futuro daquele menininho cuja vida estava apenas começando. Observei também como os maiores olham e cuidam dos menores. As crianças circulam

pelos cômodos com liberdade, mesmo se a casa não for a delas. Ficamos na casa dessa família conversando. Um dos meninos começou a gritar à procura de um chinelo e a mãe o repreendeu: “Que é isso? Não está vendo que tem visita?”.

Animadíssima com o convite, a mãe confirmou a presença de todos na Fundação no dia seguinte. No final, levaram a gente até a porta.

Voltamos à Fundação e lá estava o mesmo grupo da manhã com algumas aquisições. Haveria aula de hip-hop. A professora estava lá, os meninos também, mas a aula não deslanchava. Apenas um menino se arriscou nos passos... Acabei saindo mais cedo. Do Diário de Campo destaco a seguinte anotação:

Eu fiquei me perguntando sobre a menina do Casarão: o que pensa ela sobre essa saída, esse abandono da mãe? Como ela lida com o fato do irmão estar com o pai e ela sobrar com a avó? Como ela se sente? O que faz a prefeitura a respeito daquela ocupação tão insalubre e indigna? (Diário de Campo, quinta-feira, 06 mai. 2010, décimo dia de pesquisa).

3.2.2.6

Uma oficina de letramento

Cheguei à Fundação pela manhã. Havia cinco meninos e uma menina, com idades entre 11 e 15 anos, todos do Casarão (ocupação que fica na mesma rua da Fundação). Eles estavam na sala de letramento envolvidos em atividades pedagógicas. Alguns faziam exercícios de leitura e interpretação de texto, outros exercícios de matemática. As duas educadoras auxiliavam no que era preciso e se desdobravam para atender às necessidades de todos.

O grupo era bastante heterogêneo. Um dos meninos demonstrava maior dificuldade – depois, soube através dele que há dois anos não frequenta a escola e que tinha parado no quarto ano. Sua leitura não era fluente, mas ele parecia entender o que lia. A menina parecia ter alguma dificuldade de entender as propostas. Um menino de 15 anos realizava exercícios de equação com dificuldade. Os outros faziam os exercícios com mais autonomia. As educadoras costumam perguntar o que eles têm trabalhado na escola para poderem, então, fazer uma proposta mais adequada.

Os exercícios propostos eram bem tradicionais e exigiam pouca reflexão. Textos pouco elaborados e exercícios mecânicos. O mesmo vale para os de matemática (contas para armar e efetuar, problemas primários). Questionei a

qualidade de tais exercícios e as educadoras esclareceram que tentam se aproximar das atividades da escola já que essa é a realidade com a qual esses meninos se deparam todos os dias.

Auxiliei nas tarefas quando as crianças ou as educadoras me solicitavam. Tentava fazê-los pensar um pouco mais, no entanto qualquer pergunta mais reflexiva não encontrava muito eco. Aqueles que tinham maior familiaridade com o texto escrito e com fluência na leitura nem liam o texto na íntegra. Perceberam que as perguntas eram feitas de acordo com a ordem do texto, assim era só ir direto para as perguntas e, depois, encontrar a resposta apropriada.

Quando terminavam, pediam que nós conferíssemos os exercícios e atribuíssemos os conceitos MB (muito bom), B (bom), R (regular) ou I (insuficiente). Resolvi me expressar de outra forma e escrevi “ótimo!”, “jóia!”, porém, eles não se conformaram. Era como se aquilo não dissesse nada para eles. Só ficaram plenamente satisfeitos quando estampeei um MB no trabalho. Ainda perguntei se não poderia colocar E, de excelente, mas eles disseram que não tinha E, o máximo era MB. Tais conceitos são heranças da prática escolar.

Depois dessa atividade, o grupo dos meninos foi jogar futebol e a menina ficou brincando com um quebra-cabeça. Ela está no segundo ano do Ensino Fundamental e montava um quebra-cabeça de 30-40 peças. Um menino de quatro anos brincava junto com ela. Antes, esse menino pediu uma folha para desenhar e eu dei. Ele se sentou no chão para desenhar. Depois de algum tempo mostrou o seu desenho, mas pediu que eu desenhasse para ele colorir. Apesar do meu elogio ao seu desenho, ele me disse que não sabia desenhar, como era bastante comum nos meninos e meninas da Fundação. Insisti e dei uma idéia. Ele, então, sentou-se e desenhou várias bolas coloridas. Depois, se entreteve com uma folha de atividade na qual tinha que seguir um caminho predeterminado sem extrapolar as linhas. Mostrou-se muito satisfeito com aquele trabalho, aproveitou e coloriu os desenhos daquela folha.

3.2.2.7

Uma oficina de música

Toda quinta-feira ocorre a oficina de música. Um dos educadores toca o violão e canta. De acordo com as suas instruções, os meninos acompanham no

tantan, no tambor e em dois pandeiros. Segundo o educador a idéia dessa atividade não é aprender a tocar um instrumento. O objetivo é estimular as crianças e os adolescentes a entenderem as mensagens das músicas, a se encantarem com elas, a descobrirem em si algum talento e a possibilidade de mudar o seu rumo. Ele cantou duas músicas de sua autoria com batida de hip hop e conteúdo sobre a rua. Estas tinham como tema as drogas, os seus efeitos, suas consequências sobre os meninos e meninas que vivem nas ruas e etc. Também cantou outras músicas da MPB. Uma das músicas de autoria do educador que os meninos pediram chamava-se *Pedra do mal* e diz: “Há uma pedra no meio do caminho, mas que não é a pedra do poeta; há uma pedra levando morte às vidas; há uma pedra fechando a porta aberta (...)” Os meninos conheciam tanto as de autoria do educador como as outras que iam de Caetano Veloso à Legião Urbana.

A oficina aconteceu na arquibancada, ao lado da quadra de futebol. Enquanto havia o grupo da música, os meninos se revezavam no jogo de futebol e outros assistiam a um DVD do show do Molejo, grupo de pagode. O grupo da oficina de música estava bem animado. Logo cada um assumiu um instrumento. Havia um menino de cinco anos que pegou o pandeiro e não o largou mais. Mostrava-se bem a vontade em acompanhar as músicas, não se intimidava pelo fato de ser o menor, tinha ótimo ouvido e uma concentração grande para a pouca idade - fiquei impressionada com a desenvoltura!

Um adolescente de 17 anos mostrava sua habilidade no tantan e disse que aprendeu a tocar em um abrigo, na oficina de percussão. Disse que queria voltar pra lá e que falaria naquele dia com a assistente social.

Ao longo da oficina, esse adolescente e o menino pequeno permaneceram do início ao fim. Os outros iam e vinham. Quando a atividade já estava chegando ao fim outros dois se juntaram: Alex, de 17 anos e Evandro, de 11 anos, que tocaram e sugeriram músicas. Enquanto estávamos ali cantando e tocando, assisti ao jogo de duplas que ocorria no campinho. Percebi novamente que apesar da diferença de idade entre os meninos, existe um respeito muito grande tanto do menor em relação ao maior quanto vice-versa. Eles compartilham da mesma brincadeira e a idade não se mostra um problema. Os maiores têm uma postura de proteção em relação aos menores. No jogo de futebol, muitas vezes, o chute é aliviado pelo maior. Quando algum menino pequeno começa a “abusar”, o maior o repreende, avisa que está

abusando, que vai dar um cascudo, mas não dá (não que eu tenha visto). Os meninos menores são chamados frequentemente de “menor”.

Houve distribuição de camisinhas para os maiores e uma conversa das educadoras e da assistente social com as meninas em relação ao sexo. Olga, de 13 anos, e Ivan, de 17, são namorados e precisam se prevenir. Tudo é dito sem nenhuma formalidade e nem meias palavras. O sexo entre meninos e meninas a partir dos 12 anos (às vezes até antes) é algo comum. Eles trocam muito de parceiros, o que perigoso.

As educadoras se interessaram em me ajudar com a pesquisa. Fiquei de trazer os livros escolhidos para que conhecessem. Elas ficaram de ver na reunião do dia seguinte os horários para as rodas de história. Levei uns livros sobre o tema “mãe” que será trabalhado junto às crianças pelas educadoras. Fiquei feliz por esse retorno positivo da equipe e também por contribuir de alguma forma com o trabalho que eles realizam. No diário de campo escrevi:

Achei interessante Evandro ter sugerido a música do Caetano Veloso “Fora da ordem”, inclusive alguns sabiam cantá-la. Ele sabia cantar o refrão em espanhol. Percebi também uma vontade de aprender incrível, os meninos estavam concentrados, queriam acertar o ritmo. Outro fato que chamou minha atenção foi a diferença de idade entre os garotos no jogo de futebol. Quantas vezes, nas escolas em que trabalhei, ouvi dizer que o recreio dos pequenos e dos grandes tinha que ser em horários distintos justamente por causa da diferença de idade e da falta de respeito entre eles? Nesse jogo, não presenciei falta de respeito entre eles. (Diário de Campo, quinta-feira, 15 abr. 2010, sexto dia de pesquisa).

3.2.2.8

Uma oficina de arte – educação

Os educadores estavam reunidos com um grupo de adolescentes em volta de uma mesa fazendo uma atividade de artes relacionada ao Dia das mães. A primeira parte da atividade consistia em escolher nas revistas pessoas que simbolizassem a figura da mãe. Foram selecionadas figuras bem variadas, da mãe muçulmana àquela mais ocidental - o que me chamou atenção pela diversidade.

Depois, cada um escolheu um desenho relativo ao Dia das mães para colorir. Os desenhos já estavam prontos e eram bem estereotipados, alguns tinham mensagens de Feliz dia das mães, corações, flores, etc. Quando convidados a fazer o seu próprio desenho, a resistência foi grande. Diziam que não sabiam desenhar.

Nesse dia, mais uma vez, me senti à vontade para participar. Sentei ao lado deles e resolvi desenhar a minha mãe. Logo, alguns também se sentiram à vontade de fazer os seus próprios desenhos. Um deles se desenhou, uma moça, que depois, disse ter 22 anos, fez uma paisagem (dois coqueiros curvados um sobre o outro e fincados numa ilha), outro desenhou um rosto sem nenhuma feição, completamente vazio. Pelo que soube através dos educadores esse adolescente está nas ruas desde muito pequeno, cresceu na rua e hoje tem 17 anos.

Ao longo da atividade, muitos foram os pedidos pelo lanche. Todos disseram que estavam com muita fome. Os menores não se animaram a colorir, nem a fazer seus próprios desenhos. Ficaram jogando bola. Durante a atividade, um dos educadores ficou tocando no violão músicas pedidas pelos meninos, o que deu uma animada na atividade. Os pedidos eram variados. Uns queriam ouvir Djavan, outros Legião Urbana, *Pais e filhos*, outros *Fora de ordem*, de Caetano Veloso.

À medida que os meninos acabavam seus desenhos, a educadora colocava-os na parede (mural) explicando para mim que aquela era uma forma de valorizar os trabalhos.

No final dessa atividade, ela resolveu contar uma história para os meninos. A princípio, houve uma pequena resistência, pedidos por lanche, mas logo que ela mostrou o livro, teve a atenção dos meninos. O livro era *A bruxa Salomé*, de Audrey Wood (1999), sugerido por mim quando a educadora procurava livros onde a temática “mãe” aparecesse e requisitou a minha ajuda.

Todos logo se ligaram na história, ouvindo-a com atenção, sem interromper, com concentração e, embora o ambiente não ajudasse (havia gente jogando bola, pessoas passando pelo local o tempo todo), todos permaneceram sentados e atentos. Um dos meninos, o mais falante, estava completamente envolvido, queria ver as imagens bem de perto. Mesmo tendo sugerido o livro acima citado, achei que uma história de bruxa pudesse ser rejeitada pelos adolescentes como se fosse coisa de criança. No entanto, não houve nenhum comentário desse tipo. E mais: quando surgiu a bruxa, um deles falou: “que bruxa feia, hein?”.

Ao final da atividade, eles disseram que gostaram da história. A educadora fez perguntas pontuais sobre a mesma, alguns meninos responderam e uma das meninas, cuja irmã está grávida, comentou sobre a atitude da mãe: “que a mãe faz qualquer coisa para salvar os filhos”. É interessante esse comentário vindo de uma

menina que é órfã de mãe e de pai e que vive nas ruas com a irmã. Apesar de ter uma casa que é cuidada pelo irmão, nem ela nem a irmã ficam em casa.

Em seguida, alguns meninos ajudaram os educadores a preparar a mesa para o lanche. Após o lanche todos foram embora. Do Diário de campo cabe destacar a conversa com uma das educadoras:

Conversei com a educadora (que me chamou para conversar). Ela se mostrou muito interessada nas atividades que eu pretendo realizar com os meninos. Deu muitas sugestões e também explicou que, apesar de não gostar de oferecer os trabalhos estereotipados, ela acha importante porque a escola oferece trabalhos assim e, de certa forma, esse é o modelo que esses meninos têm e sentem segurança para realizar. Porém, ela sempre tenta propiciar uma atividade menos formal. (Diário de campo, terça-feira, 27 abr. 2010, oitavo dia de pesquisa).

3.2.3

Quem são os meninos e meninas da pesquisa: uma tentativa de compreensão

As crianças e os adolescentes que freqüentam o projeto *Ao encontro dos meninos e meninas em situação de risco* parecem buscar um vínculo, seja ele com a própria Fundação São Martinho ou com os educadores, alguns conhecidos há anos por eles. A forma de chegar e a maneira de falar com os educadores, indicam o respeito desses meninos pela instituição e o reconhecimento pelo trabalho dos educadores, como vimos na abordagem descrita. Por outro lado, aqueles que permanecem nas atividades, mesmo que com alguma resistência inicial, parecem ver a instituição como um lugar protegido, que os separa da rua e por isso, lá dentro, podem se mostrar como qualquer outra criança ou adolescente, ainda que mantenham uma postura defensiva tão necessária adquirida por quem anda e vive nas ruas.

Apesar do Projeto atender à faixa etária de sete a dezessete anos, a presença maciça é de adolescentes e, na sua maioria, do gênero masculino. Eles chegam à Fundação pela manhã, sujos e, muitas vezes, exaustos devido às noites mal dormidas. Mesmo resistentes ao banho, gostam de ficar limpos e sentar-se a mesa para tomar o café. Eles são servidos pelos educadores e raramente ajudam nas tarefas espontaneamente. Essas crianças e adolescentes são oriundos dos mais diversos bairros do Rio de Janeiro: Belford Roxo, Vaz Lobo, Duque de Caxias, Santa Cruz, Mangueira, Jacaré, Santa Tereza, morro de São Carlos, entre outros.

Os educadores conhecem a fundo a história de todos que freqüentam o Projeto e, em nossas conversas, fui informada de que a maioria desses meninos e meninas tem casa e família. É comum eles voltarem por algum período às suas casas, principalmente quando a polícia fecha o cerco ou quando encontram problemas na rua. No entanto, tão logo podem, escolhem voltar, muitas vezes, pela liberdade que a rua oferece, como pontuado, por exemplo, na fala de uma adolescente de 16 anos. Em uma conversa informal, ela me conta que tem mãe e tem casa. Quando indagada sobre o porquê de não voltar para casa, ela responde: “Em casa eu não posso transar, não posso fumar, não posso cheirar tiner. Na rua é muito melhor.” Esse argumento sobre a liberdade pode ser verificado nos arquivos da instituição, onde estão registrados os motivos de cada um se encontrar na rua. A maioria das respostas é “liberdade”. Outros motivos, em ordem de prevalência, são: conflito familiar, dependência de drogas e ociosidade (categoria criada pelos educadores para caracterizar respostas como “porque eu quis”, “não tenho o que fazer”). O desejo de liberdade pode ser lido também na resistência inicial que muitos demonstram ao não querer participar das atividades propostas.

Analisando essa descrição, talvez essas crianças e adolescentes não pareçam muito diferentes da maioria que conhecemos. Paremos para pensar: gostam de jogar bola; se apaixonam, ficam, namoram; passam por gravidez indesejada; gostam de cantar, de se arriscar com algum instrumento; conhecem as músicas mais tocadas nas rádios; andam em grupo; não têm paciência para a escola, muitos nem fazem questão de freqüentar a escola; se arrumam, gostam de roupa nova; reclamam dos pais, principalmente do pai; demonstram dificuldade em lidar com autoridade, alguns fumam cigarro, outros também usam alguma outra droga; de vez em quando se estranham e brigam; falam muito palavrão; falam gírias; costumam respeitar os mais velhos, mas só aqueles com quem têm algum vínculo; seu jeito de falar nem sempre é doce, mas apreciam um carinho espontâneo; alguns são muito calados, não permitem a entrada no seu mundo; outros, ao contrário, contam vantagens, querem se mostrar; querem ser totalmente livres, andar por aí, sem dar satisfação da onde vão, com quem vão ou quando voltarão. Esse é o grupo de meninos e meninas com o qual convivi durante os sete meses da pesquisa.

Ao mesmo tempo, o que os difere de outros grupos da mesma idade que não estão nas ruas?

O conflito familiar é também um aspecto bastante citado pelos adolescentes. As famílias de uma maneira geral estão desestruturadas, principalmente pela ausência paterna e/ou materna (por prisão, uso de drogas, abandono) ou por dificuldades na relação agravadas pela precária situação econômica. As figuras parentais são substituídas por padrastos ou madrastas. É comum a criança ou o adolescente ficar sob os cuidados de uma avó ou uma tia. Em uma das abordagens, encontramos um adolescente conhecido como Pingo. Ele disse que iria para Realengo, na casa da avó. Dizia também que não queria ver mais a cara de seu pai, pois este só dizia que ele fazia coisas erradas: “Será que eu nunca faço nada certo?”. Ouvi um discurso similar de uma adolescente cuja mãe não aceitava o seu “jeito”: “eu queria ficar na rua com a autorização dela. Mas ela acha que tudo o que eu faço está errado”. Disse ainda que “seus amigos eram tudo”.

A questão da liberdade merece uma análise mais extensa e é um fator relevante na descrição desse grupo. A liberdade surge em todas as falas (apresentadas aqui ou não), quando o assunto é rua. Uma vez na rua, com a tal liberdade de que usufruem, esses meninos e meninas se deparam com outra questão: as drogas, em especial o tiner e a maconha. O crack é uma droga presente no cotidiano deles, embora o uso seja menos freqüente. Essa droga é vista como uma droga que mata rápido e, por isso, ainda não se propagou entre eles. Ademais, os poucos usuários são mal vistos pelo grupo e chamados pejorativamente de “crackudos”. Na medida em que vão fazendo uso irrestrito dessas substâncias, distanciam-se cada vez mais de suas casas e familiares. Alguns se tornam dependentes e, por causa da droga, acabam permanecendo mais tempo na rua. Agravando esse quadro, como forma de conseguir dinheiro para o vício, eles assumem outros riscos como envolver-se em pequenos delitos e até se prostituir.

Conversei com uma adolescente, Amanda, de 16 anos. Ela tinha um ar cansado e um olhar sem esperança. Disse que tinha muitos “coroas”. Um deles tinha 52 anos e é policial. Ele dá de trinta a cinquenta reais para ela ter relações sexuais com ele. Como esse, há outros. Disse que ia comprar tiner com os dois reais que tinha e iria ficar andando por aí. Contou ainda que um desses “coroas” gosta de fazer sexo com meninas novas, entre oito e onze anos, então ela leva as meninas para ele. Eu pergunto se elas sabem onde estão indo e ela me responde que sim, pois como precisam de dinheiro acabam indo. Perguntei: “Você sabe que isso é crime? Você pode ir presa”. Ela diz ser menor, que vai presa e sai em oito dias. Eu falei: “é menor

por enquanto, já, já fará 18 e a situação muda.” Ela não se intimida e diz que não tem medo de ir presa, só tem medo do pai e da mãe dela. Então, se levanta e diz que vai “meter o pé”⁷, vai ver suas colegas. No Diário de campo relatei:

A garota fala tudo isso, sem parecer preocupada, como se não tivesse sentimento nenhum em relação a essa história. Nesse momento, não fala que quer sair dessa vida, parece resignada. Ela me deu a impressão de que se “coisificou”, não é mais humana, e muito menos uma adolescente com a vida toda pela frente. Hoje foi duro ouvir toda essa história e ver tanta falta de perspectiva numa garota tão jovem. (Diário de campo, quinta-feira, 01 jul. 2010 – 19º dia de pesquisa).

Outro aspecto a ser considerado é o afastamento da escola. Quanto maior o tempo que esse sujeito fica na rua, menos ele conseguirá adaptar-se ao sistema escolar. Por isso, a razão dos educadores oferecerem também tarefas similares às da escola, tais como o desenho pronto para ser colorido ou as perguntas pontuais sobre uma história ouvida. Talvez seja uma tentativa de resgate. O interessante é que os meninos parecem apreciar essas tarefas.

Ainda sobre essa questão, é importante colocar que os meninos e meninas sabem que o projeto visa reinseri-los no âmbito familiar e que o procedimento mais comum é o encaminhamento para um abrigo até que o contato com a sua família seja feito. Entretanto, eles precisam ‘querer’ ir para o abrigo, o que não acontece com frequência. Muitos já passaram por abrigos, sabem quais são os bons abrigos e preferem as ruas a um abrigo que considerem ruim, por mais que seja só circunstancial. Aqui, entramos na seara da política governamental que atravessa esse assunto e, muitas vezes, emperra o processo. Devemos ainda considerar que muitas de suas histórias falam de maus tratos, violência, de pais usuários de drogas sem condições de educá-los, de miséria. Não é simples, não é linear e isso os difere dos demais.

Inúmeras são as variáveis que atravessam esse contexto e inúmeros são os questionamentos que vão surgindo ao longo de todo esse processo de pesquisa. Esta é apenas uma tentativa de compreensão sobre quem são esses meninos e meninas da Fundação São Martinho. Com o desenvolvimento da pesquisa, com a leitura das histórias, a observação do seu impacto nos meninos e meninas e a escuta de suas narrativas, seja possível, cada vez mais, aproximar-me do núcleo dessa questão.

⁷ “Meter o pé”, gíria muito utilizada que significa ir embora.